

UMA ESCULTURA: SIGNIFICADOS

Álvaro de Lima Machado*

O Artista

Assina a obra Carlo Crepaz. Nascido em 6 de abril de 1919, em Ortisei Dolomiti, na Itália, faleceu na mesma localidade em 09 de setembro de 1992. De 1951 a 1987 residiu em Vitória, capital do Espírito Santo, tendo-se naturalizado cidadão brasileiro. É autor de diversas esculturas sacras existentes no Santuário de Santo Antonio, na capital capixaba. Foi professor da Escola de Belas Artes de Vitória e conta-se entre os fundadores do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

A Obra

Feita em gesso e com pintura original em bronze, foi encomendada por Dorotheu Guedes Alcoforado Jr., quando Diretor do Hospital Infantil N.S.da Glória (julho de 1962 a março de 1966). Inaugura em 1964, esteve presente à solenidade Walter Telles, que guardou da obra impressão especialmente favorável.

Dedicação

Constitui-se uma homenagem dos pediatras capixabas a Moacyr Ubirajara e Mary Hosannah Ubirajara, ele, fundador e primeiro Diretor do HINSG (1935 a 1954) e ela, esposa e companheira na luta que sensibilizou o governo e a sociedade capixaba e levou à criação do Hospital, do qual foi a primeira enfermeira. Muito apropriadamente, a ladeira que conduz ao Hospital leva o seu nome: Alameda Mary Ubirajara.

Os Modelos

De acordo com o testemunho recente de quem conheceu e vivenciou todo o período de execução da obra, posou como modelo para Moacyr Ubirajara o ortopedista do Hospital, Alzir Bernardino Alves. Quanto a Mary Ubirajara, teve a representá-la Evany Soares, auxiliar de enfermagem.

A criança, todos nós pediatras, infelizmente a conhecemos: a cabeça desproporcionada e calva, a face descarnada, o gradil costal e as cinturas escapulares mal cobertas por uma pele que parece a ponto de esgarçar-se, o grande espaço oco do abdome, cujo tegumento dir-se-ia recobrir tão somente a coluna, os membros esqueléticos pendendo inermes...Não tem nome. Adivinhamos-lhe o triste passado. Moacyr e Mary dedicaram suas vidas para lhe dar um futuro. Dolorosamente, aí está o presente, fixado pelo cinzel do artista, acusação muda de um crime que a humanidade comete contra si mesma.

Trajetória

Inaugurada, a escultura passou a ocupar lugar de preeminência no saguão de entrada do Hospital. Sua fotografia, impressa em todos os papéis do HINSG, constituía sua marca.

O que a gratidão um dia fez, em outro dia a ingratidão desfez.

A bela obra viu-se relegada a um canto sob a escada. A seguir, sofreu uma pintura de branco para as roupas e pretensa cor de carne para as áreas expostas. Da descaracterização à mutilação foi um passo: quebrou-se em alguns lugares e, se mais tarde o socorro, destruía-se por completo.

Desse destino salvou-a o atual Diretor do HINSG, Nélcio de Almeida, que a fez restaurar e deu-lhe novo nicho de destaque, frente à sala da diretoria.

No processo de restauração, porém, sofreu uma mudança de cor, que agora tem um tom vermelho escuro e mais a cor bronze original (que a mim e a outros enganou por longo tempo: sempre acreditei vazada nesse material e somente quando sofreu um pequeno dano em sua pátina é que me ficou patente que era de gesso).

Divagações

Posto que a intenção que deu motivo à obra fosse homenagear esse casal admirável a quem tanto deve a pediatria capixaba, a escultura transcendeu, em seu significado, até mesmo esse elevado empenho.

Há aí a representação inquestionável da criança enferma, da enfermagem pediátrica e do pediatra. Mire-se bem: ver-se-á o sofrimento, acolhido pelo carinho e entregue ao esforço humano – em essência, a própria Medicina. Apure-se mais a visão: há qualquer coisa de místico na cena (sem surpresa: Crepaz era um escultor sacro) – a pequena vítima, como que prestes a ser imolada; o olhar súplice da enfermeira – mãe por procuração; o gesto de quem abençoa do médico-sacerdote.

É um símbolo do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória, mas não só dele: é um ícone de todos os serviços pediátricos, de toda a medicina, quicá de toda a humanidade onde ainda há amor ao próximo.